

FISIOTERAPIA PÉLVICA E QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM DISFUNÇÕES SEXUAIS

PELVIC FLOOR PHYSICAL THERAPY AND QUALITY OF LIFE OF WOMEN
WITH SEXUAL DYSFUNCTIONS

Laura Rossetto Foschera¹

¹Unidade Central de Educação FAEM Faculdade – UCEFF/ Chapecó, SC,
Brasil.

Autor correspondentes: Laura Rossetto Foschera (e-mail:
laurafoschera@gmail.com)

Declaração de inexistência de conflito de interesses: Não há

Fisioterapia pélvica e qualidade de vida de pacientes com disfunções sexuais femininas

Objetivo: Disfunções sexuais femininas podem afetar profundamente a qualidade de vida, causando impacto físico e emocional. A fisioterapia pélvica tem sido cada vez mais utilizada como um tratamento. Esta revisão objetiva descrever a fisioterapia pélvica e a qualidade de vida de mulheres com disfunções sexuais. **Métodos:** Foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando as palavras-chave *female sexual dysfunction, pelvic floor physical therapy, quality of life*. Os critérios de inclusão foram estudos publicados entre 2013 e 2023, em inglês, português e espanhol que abordassem disfunções sexuais femininas, intervenções de fisioterapia pélvica e avaliação de impacto na qualidade de vida. Foram excluídos estudos com amostra inferior a 30 participantes, artigos que não mensurassem qualidade de vida ou que tratassem de disfunções sexuais não relacionadas ao assoalho pélvico. **Resultados:** Estudos indicam que a fisioterapia pélvica, com técnicas como *biofeedback*, eletroestimulação e terapia manual, melhora significativamente a função sexual e a qualidade de vida em mulheres com

disfunções sexuais. Os resultados incluem redução da dor e aumento da satisfação sexual. **Discussão:** Embora existam resultados que destacam a fisioterapia pélvica como um tratamento, há falta de estudos clínicos de larga escala que padronizem os protocolos de tratamento e mensurem os resultados a longo prazo. **Conclusão:** A fisioterapia pélvica tem impacto na qualidade de vida de mulheres com disfunções sexuais, mas são necessários mais estudos clínicos para validar e padronizar essas intervenções.